LETTRES DE MON MOULIN

Marcelo Módolo*

DAUDET, Alphonse (1986)¹ "Avant-Propos" e "Installation". Em suas *Lettres de mon moulin*. Texto estabelecido, apresentado e anotado por Roger Ripoll (Bibliothèque de la Pléiade) Éditions Gallimard, Bélgica.

Cartas do Meu Moinho

“Avant-Propos” (Prólogo)

Perante mestre Honorat Grapazi, tabelião na comarca de Pampérigouste², compareceu:

O senhor Gaspard Mitifio, casado com Vivette Cornille, de profissão caseiro na localidade de Cigalières³, onde reside;

O qual, pelo presente instrumento, vende e transfere, sob as garantias de direito e de fato e isento de todos os encargos, privilégios e hipotecas,

Ao senhor Alphonse Daudet, poeta, residente em Paris, neste ato presente e concorde;

Um moinho de vento para farinha, situado no vale do Ródano, em pleno coração da Provença, numa encosta coberta de pinheiros e azinheiras; estando o dito moinho abandonado há mais de vinte anos e sem condições de moagem, como se constata pelas

¹ Alphonse Daudet ([Nîmes, 12 de maio de 1840](#) - [Paris, 17 de dezembro de 1897](#)) foi um dos escritores mais populares e queridos de seu tempo. Muitos o consideram o Dickens francês, pois muitas de suas qualidades — a fluência da narrativa, o humor envolvente cheio de ternura e comicidade, a piedade pelos humildes, a precisão com que aborda a vida cotidiana — coincidem com as do autor de *David Copperfield*. Habitualmente inserido na escola realista, ao lado de Zola e Maupassant, Daudet mais se ajusta ao impressionismo, pela atmosfera poética de suas ficções e pelo estilo ondeante e luminoso (seu inimitável estilo de provençal) com que descreve paisagens e figuras humanas, cenas e estados de espírito. Este *Lettre de mon moulin*, que se tornaria o seu livro mais popular, foi publicado em 1866. Paisagista admirável, Daudet não só soube guardar em suas páginas a luminosidade da Provença, sua terra natal, como também descrever, como um verdadeiro artista, outras regiões da França, em livros que abrangem vários meios sociais e que, além de sua dimensão artística, possuem considerável significação documental e comprovam as suas qualidades de observador e pintor da vida.

² Vila imaginária da Provença, presente em muitas obras de Alphonse Daudet. Ver, por exemplo, *La mule du Papa*.

³ Também um nome imaginário. Segundo o *Dictionnaire historique de la langue française* sob a direção de Alain Rey, o substantivo comum cigalière significa “lugar inculto ou abandonado às cigarras”.

vinhas selvagens, musgos, alecrins e outros parasitas que lhe sobem até o extremo das aspas;

Isso não obstante, tal como está e se encontra, com a grande mó partida, com a entrada onde as ervas crescem entre os tijolos, declara o senhor Daudet achar o dito moinho de acordo com suas conveniências e capaz de servir aos seus trabalhos como poeta, pelo que o aceita com seus riscos e perigos e sem nenhum recurso contra o vendedor no tocante às reparações que aí poderiam ser feitas.

Esta venda é feita em bloco, mediante o preço convencionado, que o senhor Daudet, poeta, apresentou e depositou neste cartório em moeda corrente. Tal valor foi em seguida recebido e retirado pelo senhor Mitifio, tudo à vista dos tabeliães e das testemunhas abaixo-assinadas, donde quitação sob reserva.

Ato lavrado em Pampérigouste, no cartório do tabelião Honorat, na presença de Francet Mamaï, tocador de pífano, e de Louiset, por alcunha Quique, cruciferário dos Penitentes Brancos⁴;

Os quais assinaram com as partes e o tabelião, após a leitura...

"Installation" (Chegada)

Os coelhos é que ficaram surpresos! Depois de tanto tempo que viam a porta do moinho fechada, as paredes e a entrada invadidas pelo mato, acabaram por acreditar que a raça dos moleiros estava extinta e, como o lugar lhes parecia bom, instalaram aí uma espécie de quartel general, um centro de operações estratégicas: o moinho de Jemmapes⁵ dos coelhos. Na noite de minha chegada, havia lá, pelo menos, sem exagero, uns vinte sentados em círculo na entrada, a aquecer as patas no clarão de lua... Assim que entreabri uma janela, vlupt! o acampamento pôs-se em debandada e todos aqueles traseirinhos brancos fugiram, de cauda no ar, para o mato. Espero, no entanto, que eles voltem.

Outro muito surpreso também em me ver é o inquilino do primeiro andar, um velho mocho sinistro, cara de pensador, que mora no moinho há mais de vinte anos. Encontrei-o no quarto de cima, imóvel e hirto pousado no fuso⁶ do moinho, no meio do entulho, das telhas caídas. Ele me olhou um momento com seu olho arregalado; depois, inteiramente assustado por não me reconhecer, ele pôs-se a fazer: “uh! uh!” e a sacudir arduamente suas asas cinzentas de poeira; — diabos de pensadores! nunca se limpam... Pouco importa! Tal como ele é, com seus olhos pestanejantes e seu semblante carrancudo, esse inquilino silencioso me agrada ainda mais do que qualquer outro e estou empenhado em renovar seu contrato. Ele ocupa, como no passado, todo o alto do moinho com uma entrada pelo telhado, a mim eu me reservo o quarto da parte inferior, uma pequena sala caiada à cal, baixa e abobadada como um refeitório de convento.

Desse lugar é que eu lhe escrevo, com uma porta grande escancarada para o sol.

⁴ Confraria católica.

⁵ O general Dumouriez venceu os prussianos em Valmy (setembro de 1792) e os austríacos em Jemmapes (novembro de 1792). Em Valmy, um moinho serviu de centro de operações para o exército francês. Daudet confundiu — ou quis confundir? — as duas batalhas e transferiu o moinho para Jemmapes.

⁶ Eixo horizontal, movimentado pelas asas do moinho, que transmite seus movimentos às mós.

Um agradável bosque de pinheiros todo cintilante de luzes desce diante de mim pela encosta abaixo. Os Alpilles, com sua crista fina, recortam-se contra o horizonte. Sem barulho... Dificilmente, de tempos em tempos, um som de pífano, um maçarico real cantando nas plantações de lavanda, um guizo de mulas pela estrada... Toda esta bonita paisagem provençal vive somente de luz.

E agora, como você quer que eu tenha saudades de sua Paris barulhenta e escura? Estou tão bem no meu moinho! É tão bom o canto que descobri, um cantinho perfumado e quente, a mil léguas dos jornais, das carruagens, dos neveiros! E quanta coisa bonita ao meu redor! Há somente oito dias que estou instalado, tenho já a cabeça cheia de impressões e de lembranças... Escute! Ainda ontem mesmo, assisti ao regresso dos rebanhos para uma fazenda que está no pé da encosta e juro a você que não trocaria esse espetáculo por todas as *premières* que você assistiu em Paris nesta semana. Julgue você mesmo.

É preciso dizer-lhe que na Provença é de hábito, quando vem o calor, enviar o gado para os Alpes. Animais e pessoas passam cinco ou seis meses lá em cima, alojados à luz das estrelas, com o mato dando pela cintura; depois, no primeiro arrepio do outono, regressam à fazenda e voltam a pastar burguesmente nas pequenas colinas acinzentadas perfumadas pelo alecrim... Então, ontem de tardezinha, os rebanhos recolheram-se. Desde a manhã, a porteira esperava, escancarada, os currais cheios de palha fresca. De hora em hora, dizia-se: “Agora eles estão em Eyguières⁷, agora no Paradou⁸.” Depois, de repente, ao cair da tarde, um grito: “eles estão chegando!” e lá embaixo, ao longe, vimos o rebanho avançando em um turbilhão de poeira. Toda a estrada parece marchar com ele... Os carneiros velhos vêm à frente, de chifre em riste, com ar selvagem; atrás deles, o grosso da carneirada, as mães um pouco cansadas, as crias entre os pés; as mulas de penachos vermelhos levam nos cestos os cordeiros de um dia que embalam ao marchar; depois os cães ofegantes, com as línguas pendentes até o chão e dois pastores gaiatos embrulhados em mantas que lhes caem até os calcanhares, como capas.

Tudo isso desfila diante de nós, alegremente, enfia-se pela porteira, fazendo com as patas um ruído de aguaceiro... É preciso ver a emoção na casa. Do alto de seu poleiro, os grandes pavões verdes e dourados, de crista de tule, reconheceram os recém-chegados e os acolheram com um formidável toque de trombeta. O galinheiro, que dormia, acorda em sobressalto. Todo mundo de pé: pombos, patos, perus, galinhas-d’angola. A bicharada parecia ter enlouquecido; as galinhas falam de passar a noite em claro! Dir-se-ia que cada carneiro trazia na própria lã, com o perfume dos Alpes bravios, um pouco desse ar vivo das montanhas que nos embriaga e faz dançar.

É no meio de toda esta algazarra que o rebanho alcança o seu pouso. Nada de mais encantador do que esta chegada. Os carneiros velhos enterneciam ao rever suas manjedouras. Os cordeiros, os pequeninos, que nasceram em viagem e jamais viram a fazenda, olham em volta com espanto.

Mais tocantes ainda eram os cães, os bravos cães pastores, muito atarefados com seus bichos e não vendo mais nada na fazenda, senão eles. O cão de guarda cansou-se de chamá-los do fundo de seu canil; o balde do poço, cheio de água fresca, bem lhe fez sinais: não quiseram ver nada, ouvir nada, antes de o gado ter entrado no curral, de ser corrido o grande ferrolho da porta e dos pastores sentarem à mesa, na sala de baixo. Só então se

⁷ Eyguières: aldeia da região de Provença.

⁸ Paradou: aldeia da região de Provença.

decidiram a entrar no canil. E lá, lambendo a sopa da gamela, eles contam aos seus camaradas da fazenda o que eles fizeram lá em cima na montanha, um país escuro onde há lobos e grandes cálices purpurinos de dedaleiras, cheios de orvalho até a boca.